

## VISÃO DO CORREIO

# Segurança viária também precisa de mais investimentos

Sob a justificativa de estar tirando uma legião de brasileiros da “invisibilidade”, o governo Lula também pode deixar mais evidente um dos problemas viários que mais crescem no país. Na última sexta-feira, o chefe do Executivo anunciou um programa de financiamento para quem usa moto ou bicicleta como instrumento de renda — basicamente, entregadores e mototaxistas. Há regras claras sobre quem poderá ser beneficiado pelo Move Brasil e comprar veículos de duas rodas de forma facilitada. O mesmo não acontece em relação às condições de convivência entre motorizados, pedestres e ciclistas tradicionais.

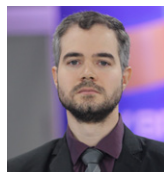
Há uma diretriz estabelecida pelo Conselho Nacional de Trânsito (Contran) que funciona como uma espécie de marco legal para a mobilidade de veículos leves e individuais de baixa potência no país, mas cabe a cada município adaptar as regras conforme sua realidade e conveniência. O resultado é uma diversidade de normas para temas-chaves do ponto de vista da segurança viária — como a velocidade máxima permitida para o tráfego de bicicletas e patinetes elétricos e a possibilidade de circulação em calçadas e ciclovias. Em termos práticos, isso acaba por favorecer a ocorrência de infrações e acidentes.

A situação do Rio de Janeiro é bem ilustrativa nesse sentido. Logo após atropelamento e morte de mãe e filho, que estavam em uma bicicleta elétrica, em março deste ano, na Zona Norte, a prefeitura implementou novas regras de mobilidade, incluindo a proibição de circulação em calçadas e ciclovias. De imediato, especialistas alertaram que a mudança sem adequação das vias e aumento da fiscalização apenas trocaria o sujeito em risco: em vez de pedestres e ciclistas tradicionais, passariam a ser mais vulneráveis os condutores de veículos leves. Só

neste mês, perderam a vida na capital fluminense uma criança de 9 anos, novamente na Zona Norte, e um homem de 30 anos, no Recreio dos Bandeirantes. Os dois estavam em bicicletas elétricas e foram atingidos por ônibus. Em todo o estado, de janeiro a abril, as emergências municipais atenderam 11 mil motociclistas e garupas vítimas de acidente de trânsito, o dobro em relação ao mesmo período de 2024.

As outras unidades da Federação enfrentam mazela semelhante. Em cinco anos (de 2019 a 2024), as mortes no trânsito com motocicletas subiram 38% no país, passando de 11.182 para 15.459, segundo a versão mais recente do Atlas da Violência. Não se pode perder de vista a complexidade para a recuperação dos sobreviventes. Levantamento da Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia (SBOT) revela que um terço das vítimas de sinistros com motocicletas atendidas nos principais serviços de ortopedia e traumatologia passa a sofrer com sequelas permanentes, sendo a dor crônica a mais comum.

Jovens periféricos e sem vínculos empregatícios — portanto, marginalizados em razão da desigualdade estrutural brasileira — formam o grande bolsão de entregadores e mototaxistas no país. Nesse sentido, políticas públicas para melhorar as condições de vida desses indivíduos são muito bem-vindas. Não podem, porém, serem implementadas sem considerar os possíveis efeitos colaterais. O aumento da frota em razão das facilidades financeiras tende a pressionar um sistema de tráfego já desordenado, sobretudo nas grandes cidades. Portanto, implementado o Move Brasil, é urgente que todos os entes legalmente responsáveis por garantir a segurança do trânsito criem condições para que as vias deste país não fiquem ainda mais caóticas.



**RONAYRE NUNES**  
[ronayrenunes@dabr.com.br](mailto:ronayrenunes@dabr.com.br)

## A versão do amanhã chegou

Grande parte da minha infância e da adolescência — até mesmo no início da vida adulta — foi marcada por uma grande expectativa em relação ao futuro. A humanidade fez avanços tecnológicos ao longo de toda a história, mas, no final dos anos 1990 e início dos anos 2000, pairava no ar a sensação de que o amanhã seria profundamente moldado por técnicas e ferramentas vindas direto dos filmes de ficção científica. De certa forma, isso ficou no passado, e parte dessa expectativa virou o presente — para o bem e para o mal.

Aparelhos celulares colocam o mundo em nossas mãos, perguntas são respondidas em segundos, contatos se tornam eternos. Carros movidos a eletricidade viraram realidade, e alguns já são mais baratos do que modelos a combustão. Hoje exploramos o espaço como nunca, tendo acesso a fotos das profundezas do universo. Vivemos experiências que nossas versões do passado só podiam imaginar.

Outra visão de futuro que se populariza a cada dia é a inteligência artificial, IA para os íntimos. ChatGPT, Gemini, Claude. As opções acumulam conhecimento para oferecer soluções imediatas.

Como se a existência dessas ferramentas não fosse revolucionária o suficiente, as gigantes da tecnologia buscam ainda mais. Na última semana, tive a oportunidade de visitar o Google for Brasil 2026, em São Paulo, a convite da própria empresa. Na oitava edição, o evento apresenta as novidades desenvolvidas nos últimos meses para entusiastas, jornalistas e influenciadores — e, consequentemente, ao público em geral.

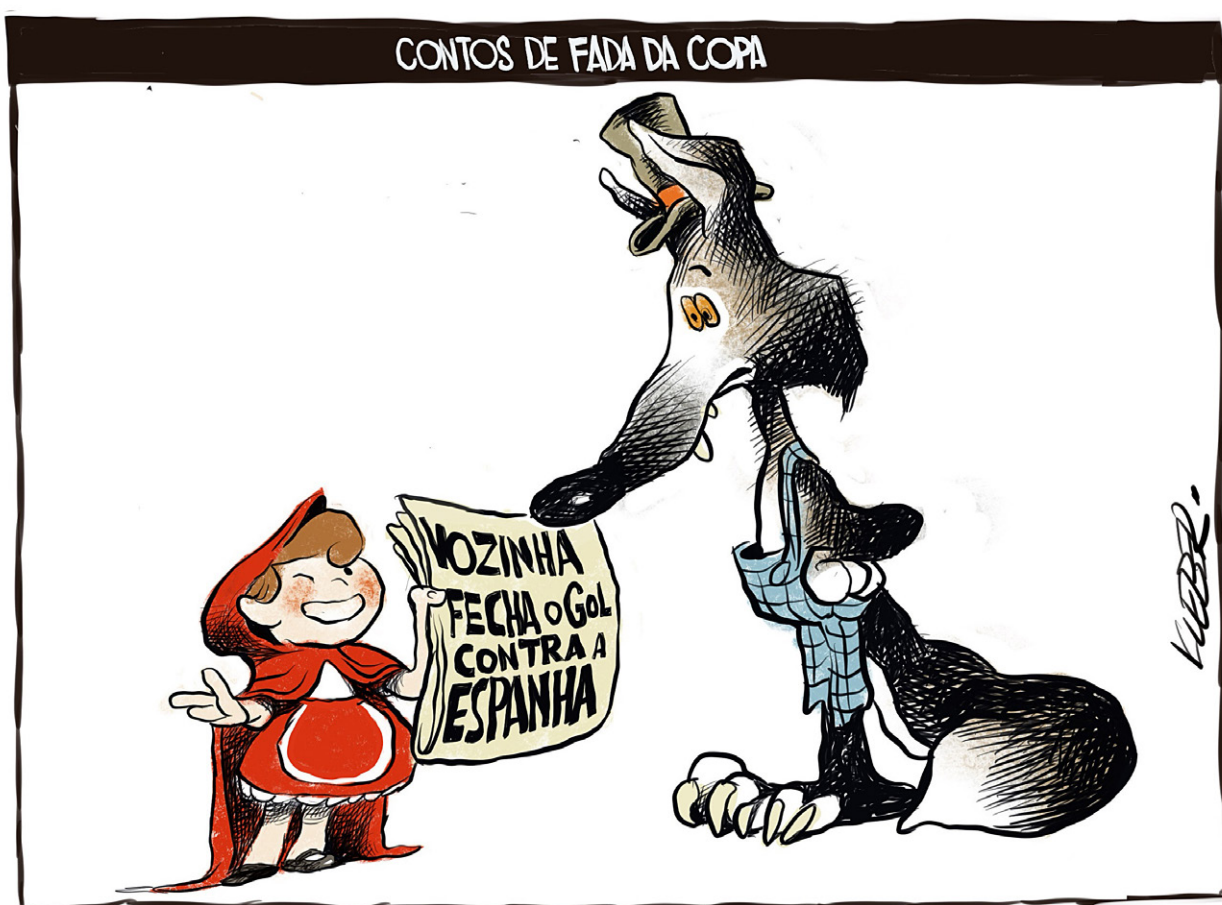
Ficou claro que a big tech busca potencializar o uso da IA de diversas formas, integrando-a ao que os executivos descolados chamam de “ecossistema virtual”. Ao abrir o evento, o diretor-executivo do Google Brasil, Fábio Coelho, defendeu que a IA “já faz parte da rotina do brasileiro”.

A afirmação — reforçada por outros executivos em conversas informais ao longo do dia — não me causa dúvidas. Os sistemas usados em chats estão cada vez mais entrelaçados ao cotidiano. Trata-se daquele esperado futuro que chegou.

O que talvez escape aos olhos é que essa versão do amanhã não é perfeita. Mesmo que apresente diversos avanços (como a comunicação dessas empresas gosta de ressaltar), o uso da IA também traz problemas. Viés de algoritmo, alucinações, privacidade, falta de transparência e impactos socioeconômicos são alguns dessas questões. Mais de perto, como alguém que trabalha com jornalismo há mais de uma década, chama-me a atenção a forma como a tecnologia trata a propriedade intelectual.

As informações usadas pelas IAs para exercer diversas funções não surgem por “mágica”. Esses dados tiveram fontes, muitas delas jornalísticas, e o uso, portanto, não deveria ser indiscriminado. Deveria obedecer a regras claras sobre direitos autorais.

Durante o evento, ao conversar com alguns executivos sobre IA e propriedade intelectual, a impressão que tive é que a empresa não ignora o problema e já firmou acordos com veículos de imprensa para lidar com a compensação. Resta saber se o futuro vai atestar tal visão.



## » Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.  
» E-mail: [sredat.df@dabr.com.br](mailto:sredat.df@dabr.com.br)

## Seleção Brasileira

Com relação à matéria especial intitulada *Capital verde e amarela* (Correio, edição de 14 de junho), gostaria de expressar que, uma vez que se trata de esporte tido como “paixão nacional”, brasileirossimos que somos acompanhados — em esmagadora maioria, diria — a nossa Seleção canarinha de futebol em todas as suas apresentações, seja gritando de emoção, seja roendo as unhas (de ansiedade). Enfim, vibrando em casa dribble, lance e/ou gol. Assim, mesmo que, após tantas crises ético-morais, na saúde, sociopolíticas etc., o orçamento ande meio reduzido (ou reduzido e meio, tanto faz), não nos permitindo (em maioria, creio) viajar para conferir a Copa do Mundo de perto, costume acompanhar todas as movimentações pela internet, esteja em casa, no surrado ou labutando, sempre trajando, alternadamente, a surrada camisa amarela ou azul.

### » Nelio S. Machado

Brasília

## Copa Mundo

Quando o Brasil venceu a Copa do Mundo de Futebol, em 1958, todos os jogadores atuavam em clubes nacionais. Eles representavam o futebol jogado aqui. Com a evolução, o futebol foi transformado em empreendimento financeiro global, os jogadores passaram a atuar no exterior e, hoje, a seleção de cada país é verdadeira legião estrangeira, arremendada em países do mundo inteiro, integrada, às vezes, por jogadores que nunca atuaram nos países que representam. É o caso de Messi, que vive desde os 14 anos na Espanha. Então, hoje os torcedores pensam estar torcendo pelas suas seleções nacionais, agitando as bandeiras dos seus países, mas, na verdade, formam parte de um grande negócio composto por designers e fabricantes de camisetas, patrocinadores de jogadores e um império chamado Fifa. A parte mais visível, os jogadores, está ganhando seu dinheiro e buscando projeção pessoal para melhores contratos. A Copa do Mundo tornou-se um negócio mundial; futebol mesmo é só um detalhe.

### » Roberto Doglia Azambuja

Asa Sul

## Todos migrantes

O mundo parece não ter jeito mesmo. Ainda precisamos de um papa diante de sobreviventes para lembrar ao mundo que as vidas humanas não são descartáveis; que ninguém deveria morrer tentando existir; e que a dignidade não depende de burocracia ou documento. Enquanto milhares se afogam, os governos discutem fronteiras, quem pode entrar em seu território, quem não pode, sem falar na sensação de poder prendendo e deportando pessoas. Somos “todos migrantes” ou não passamos de arrogantes e sádicos ante aqueles que nada têm?

### » Paccelli M. Zahler

Sudoeste

## Contenção de gastos

Contenção de gastos, melhor dizendo, contenção de ganância, se faz sentir no Brasil, país ainda emergente. Desde o advento da república federativa, os governos que se sucedem não fazem aquilo que qualquer cidadão comum entende. Gastos não podem exceder as despesas. Acontece,

## Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Bets dobram faturamento e já pagam impostos como o agro. Assim, quero ver se o Congresso e o governo querem proibir essa atividade tão nociva para grande parte da população brasileira.

Rodrigo Dourado — Brasília

Reino Unido vai proibir acesso às redes sociais para menores de 16 anos. Todos os países tinham que seguir o mesmo caminho!

Maria Mascena — Brasília

Ocupação do centro administrativo: governadora, já que você perdeu a vergonha de pedir, peça ajuda ao governo federal no programa “Reforma Casa Brasil”, modalidade do “Minha Casa, Minha Vida”.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Já não dá para saber se o espaço entre o quebra-molas e o meio-fio é para passagem de chuva ou de moto. Detalhe: só passam em alta velocidade.

Marcos Figueira — Sudoeste

e a dívida pública cresce cada vez mais. É como uma bola de neve. É juro sobre juro. O Japão, que hoje é uma das maiores economias do mundo, no pós-Segunda Guerra Mundial, fez aquilo que nosso país deveria fazer: poupança. Esse país distante, distante até em Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), aparece como exemplo para muitos países que sofrem com o mesmo mal. É o Brasil que, para atingir seu desenvolvimento, precisa descrever a cartilha do conhecimento, onde ele está engatinhando. Brasil, ordem e progresso. É o que se deseja.

### » Enedino Corrêa da Silva

Asa Sul

## Emoção nítida na F1

Confesso: fiquei emocionado com a notícia de que Hamilton venceu pela primeira vez com a Ferrari. O coração até acelerou. A emoção é nítida! O inglês heptacampeão da Fórmula 1 não conseguiu esconder a felicidade ao vencer o Grande Prêmio de Barcelona. Tem talento, profissionalismo, mas, principalmente, paixão pelo que faz. É por momentos assim que Hamilton segue encantando o automobilismo mundial! Ele regressa aos triunfos, já era uma lenda, ficou ainda maior. Fantástico, sensacional, histórico!

### » José Ribamar Pinheiro Filho

Asa Norte

## CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara  
E se mais mundo houera, lá chegará”  
Camões, e, VII e 14

**GUILHERME AUGUSTO MACHADO**  
Presidente

**Leonardo Guilherme Lourenço Moisés**  
Vice-Presidente executivo

**Ana Dubeux**  
Diretora de Redação

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00

**Assine**  
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp

\*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.  
Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991.58.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

**Anuncie**  
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp  
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp  
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

**S.A. CORREIO BRAZILIENSE** – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2586 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>  
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131



**D.A. Press** Multimídia  
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:  
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;  
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:  
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/  
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.  
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.  
E-mail: [dapress@dabr.com.br](mailto:dapress@dabr.com.br) Site: [www.dapress.com.br](http://www.dapress.com.br)